

ENTRE EMANCIPADAS E QUIMERAS - IMAGENS DO FEMINISMO NO BRASIL

VERÔNICA C. FERREIRA

"Que a tigresa possa mais do que o leão."
Caetano Veloso

O presente artigo procurará mapear, através da análise de artigos sobre o feminismo presentes em revistas e jornais feministas, algumas das principais imagens construídas sobre o feminismo brasileiro. O trabalho de pesquisa engloba também periódicos femininos, humorísticos, nacionalistas e políticos pesquisados no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth. É importante, no entanto, que o leitor saiba que para os fins desta pesquisa foram escolhidos dois momentos da história brasileira onde o movimento feminista obteve destaque no contexto social. No primeiro período, compreendido entre a década final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, houve a emergência de dois tipos de feminismo: um feminismo liberal, professado por mulheres das elites cafeeiras e das camadas médias, cujas principais bandeiras de luta foram o direito à participação social e o direito ao voto, e um outro tipo de feminismo, surgido no interior do movimento anarquista, que justamente por repudiar o sufrágio, abriu espaço para um leque de questões inusitadas para a época, questionando vários aspectos da relação homem/mulher.

O arrefecimento desses dois feminismos a partir da década de 30, devido à obtenção do direito ao voto e à repressão do movimento anarquista, deu início a um longo período de ausência do feminismo no cenário nacional. O ressurgimento do feminismo na década de 70, pelas mãos das mulheres da esquerda, ocorreu num momento em que a sociedade brasileira estava saindo de um longo período de ditadura militar. Foi também um momento onde o feminismo de esquerda buscou uma aproximação com mulheres dos setores populares, tentando mobilizá-las para a luta por liberdades democráticas e por melhores condições de vida.

Nos anos 80, num outro contexto social, político e cultural, num momento em que a própria esquerda revia suas posições, o leque de questões politizadas pelo feminismo se ampliou, englobando também o direito à sexualidade, a luta contra a violência conjugal, a saúde, etc.

Em cada um desses momentos (ou movimentos), as feministas construíram determinadas imagens de si mesmas, representações definidas em função de suas interlocutoras e dos homens. Por outro lado, os homens, nesses diferentes momentos, trataram de elaborar suas próprias representações sobre as feministas (nada positivas por sinal) e de difundí-las no senso comum, causando uma certa rejeição da sociedade em relação ao movimento feminista.

Pretendo neste artigo captar algumas dessas imagens construídas tanto pelas próprias feministas quanto pelo discurso masculino e pelo senso comum, de modo a traçar um panorama desse vasto imaginário, do modo como este se apresentou no material pesquisado.

1. O IMAGINÁRIO SOBRE O FEMINISMO NA VIRADA DO SÉCULO

1.1. FEMINISMO E FEMININO NAS REPRESENTAÇÕES DO DISCURSO MASCULINO NA VIRADA DO SÉCULO

Em seu livro *XY da Identidade Masculina*, Elizabeth Badinter afirma que a masculinidade (ou virilidade) não é algo natural, inerente ao homem. É, antes de tudo, uma construção, definida em relação à feminilidade. Ao se alterarem os padrões de feminilidade, desestabilizam-se os referenciais masculinos, passando a haver uma forte necessidade de auto-afirmação por parte dos homens.

O discurso masculino durante séculos apresentou a mulher como inferior ao homem. As justificativas para essa inferioridade basearam-se (sobretudo no século XIX) nas características biológicas e físicas do sexo feminino: a "fragilidade natural" e o potencial reprodutivo do corpo feminino seriam determinantes de sua natureza passional e passiva, de suas funções na sociedade (a saber, a maternidade e o cuidado do lar e das crianças), de sua inteligência inferior à do homem e, como

consequência disso, de sua subordinação ao mesmo: a mulher seria a representante da Natureza, enquanto que o homem representaria a Ciência¹.

No período compreendido entre o final do século XIX e início do XX (até aproximadamente os anos 30), a afirmação dessas dicotomias se acentuou. A modernidade foi um fator determinante nesse processo, tendo contribuído para instalar na sociedade uma sensação de "caos social", de "anarquia sexual", de "degeneração da raça humana": o homossexualismo e a prostituição cresciam; as máquinas simplificaram os trabalhos e permitiram que as mulheres fossem utilizadas como mão de obra, questionando assim o mito da superioridade masculina; multiplicavam-se escândalos, e (ainda por cima!) as mulheres reivindicavam o direito de entrar no espaço público (trabalho, universidades, arte). Motivos suficientes para que se criasse um clima de instabilidade nos padrões vigentes de masculinidade e feminilidade².

O discurso cientificista (positivismo, evolucionismo, etc.) foi largamente utilizado a partir dessa época para reforçar os papéis sexuais tradicionalmente estabelecidos, para impedir a degeneração das tradições, da família e da humanidade que muitos acreditavam estar em curso. Ainda que muitos dos partidários dessas correntes de pensamento fizessem concessões, admitindo que a mulher não era inferior ao homem, insistiam em reafirmar sua função "natural", sua "nobre missão". No material pesquisado (artigos de revistas), podemos perceber que tanto os articulistas da revista carioca *O Debate*, dirigida por Astrojildo Pereira, fundador do PCB, quanto os articulistas da nacionalista e conservadora revista *Nossa Terra*³ (também do Rio de Janeiro), para citar dois

¹ Sobre o discurso masculino a respeito da "natureza feminina", vide SHOWALTER, E. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, cap. 7, e RAGO, Margareth, *Os prazeres da noite*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, cap. 2.

² O trabalho de Elaine Showalter é muito elucidativo neste aspecto, pois traça um amplo painel do imaginário do *fin-de-siècle* (capítulos 1, 5 e 8).

³ Diversos artigos dessa revista defendiam a censura para filmes e peças de teatro em nome da moral e da família.

exemplos extremos, compartilhavam da mesma opinião em relação à mulher. Descontadas as diferenças, se reduzirmos suas falas ao mínimo denominador comum de falas do gênero masculino e colocarmos essas falas lado a lado, vemos que elas parecem fragmentos de um mesmo discurso. Por exemplo, num artigo intitulado "Liga do coração" na revista *A Cigarra* (revista paulistana de grande circulação, destinada ao público feminino) o autor, J. B. de Souza Amaral, afirmava:

"(...) é necessário, em primeiro lugar, o respeito mútuo; que cada sexo não invada os domínios do outro, nem haja essa ridícula e anti-natural esperança de equiparação de liberdades, porquanto a aparente prisão em que vivem as mulheres, e a invejada largueza em que tratam os homens não são mais do que condições da própria natureza de cada sexo.

*A melhor medida que elas têm ao alcance para moralizar os homens é tornarem-se virtuosas, legando aos filhos a inestimável e nunca assaz louvada herança dos bons exemplos."*⁴

Em *Nossa Terra*, um artigo sobre o feminismo utilizava-se do argumento evolucionista para condená-lo:

"Spencer considera mesmo principalmente toda e qualquer reforma importante na educação da mulher, com o intuito de torná-las próprias para o comércio ou indústria.

Quanto à política, é de ver-se o sério inconveniente que à ordem social se adviria se a coletividade humana fosse governada por suffragettes e spinters. A sensibilidade apurada, impressionismo pueril, contraste emotivo, garrulice, vivacidade de idéias, inconstância de opinião, espírito de contradição e pirronismo - que caracterizam, a traços gerais, o espírito das

⁴ AMARAL, J. B. de Souza. "Liga do coração", in *A cigarra*, n. 187. São Paulo, 01.06.1922 (grifos meus).

multidões e a individualidade feminina, impedi-la-íam de tomar qualquer decisão a sangue frio.

*A disparidade de organização anatômica entre o homem e a mulher explicita claramente que foram ambos criados para escopos em tudo diversos. A mulher não é, pois, inferior nem superior ao homem; é um ser de finalidade completamente à parte."*⁵

Na revista *O Debate*, o artigo "Feminismo" de Fábio Luz apresentava uma opinião muitíssimo semelhante:

*"Pensam algumas mulheres, aliás ilustres, que a emancipação do seu sexo está no chamado "feminismo", com suas aspirações sufragistas e de representação nos parlamentos. Não; a libertação da mulher está no domínio incontestável do lar e no preparo educacional dos filhos, na influência predominante que exercerá sempre sobre o homem, por seu carinho, por seu bom senso, por seus conselhos, por seu amor, (...) pelo seu preparo intelectual e educacional, pela sua cultura, tornando-a juiz das grandes causas econômicas, sentimentais e morais na família, com repercussão necessária no mundo (...)."*⁶

O discurso masculino, seja ele reacionário, progressista, de esquerda ou de direita, como vimos, pautava-se pela definição do "lugar da mulher" e não vedava à mesma a possibilidade de trabalhar ou de se instruir, desde que o trabalho e o estudo, compreendidos como exigências da vida moderna, tivessem como finalidade aprimorar suas funções de dona de casa e mãe. O ideal de feminismo desse discurso identificava a emancipação feminina com a modernização da mulher. Essa deveria ser a meta do feminismo segundo o discurso masculino "progressista":

⁵ MARTINS, João Pedro. "Mysogynia e phylogynia", in *Nossa Terra*, n. 20. Rio de Janeiro, 23.10.1919.

⁶ LUZ, Fábio. "Feminismo", in *O Debate*, n. 4. Rio de Janeiro, 02.08.1917.

promover a instrução da mulher para que esta melhor educasse o homem do futuro e ensinar a ela uma profissão que a afastasse dos vícios, da prostituição e da miséria em casos de desamparo ou viuvez ou que trouxesse mais conforto ao lar.

É fácil, portanto, compreender a fúria masculina em relação às feministas, ainda que estas não fossem tantas. Sendo a política e a tomada de decisões nos assuntos públicos campos naturalmente masculinos, uma mulher que quisesse deles participar parecia, aos olhos dos homens, um ser alienígena, uma verdadeira quimera⁷. Afinal, pensavam esses homens, que mais as mulheres poderiam querer, se já tinham os filhos, a casa e o marido para cuidarem, o progresso social para promoverem? A feminista estaria ultrapassando os limites "naturais", tentando medir forças, competir com o homem, imitá-lo.

O combate à "praga" se deu, de maneira geral, através da difusão de imagens negativas. Tachar a feminista de tola, histérica, ridícula, feia, masculinizada ou mal amada, ou ainda, tratar o feminismo de maneira satírica, "carnavalizá-lo", são práticas que tiveram e têm como efeito a despersonalização, a descaracterização e a diluição do caráter político do movimento. Dentre os muitos artigos humorísticos do material pesquisado, destacarei dois, que traçam imagens muito peculiares da feminista.

No artigo humorístico "Elegâncias", da revista *Dom Quixote* (do Rio de Janeiro), a figura da professora Leolina Daltro (participante e fundadora de associações pelo Progresso Feminino) é apresentada do seguinte modo, numa entrevista fictícia:

⁷ A quimera (do grego chímaira = bode) é uma figura monstruosa da mitologia grega, que habitava a entrada do mundo inferior. Foi descrita de várias maneiras por diferentes poetas gregos. Segundo Hesíodo, por exemplo, a quimera tinha corpo de cabra e três cabeças: uma de leão, uma de cabra e uma de serpente. Sua cauda era também uma serpente e, além disso, o monstro vomitava fogo. Vide LURKER, Manfred. *Dicionário dos deuses e demônios*. S. l., 1993, e MARTINEZ, Constantino F. et. al. *Dicionário de la mitología clásica*. Vol. 2. Barcelona, Alianza, s.d.

"(...) Fardada e armada, a ilustre senhora passava revista, na ocasião, às forças do Batalhão Feminino, passeando agitada, de um lado para outro.(...) Interrompendo o exercício, pedimos, em continência, ao comandante:

- V. Exa. permitir-nos-á um momento de atenção?

A digna senhora mirou-nos com desprezo e mandou:

- Entre para a sala d'armas. (...)

A sala d'armas do batalhão feminino é um verdadeiro modelo em matéria de organização militar (...): junto às paredes, encostados ou pendurados, cabos de vassoura, trancas de porta, facas de cozinha, martelos, mãos de almofariz, batedores de doce, enfim, o armamento moderno que se pode desejar, em um país como o nosso, a uma instituição de senhoras militarizadas.(...)

Expusemos o nosso caso:

- Queríamos saber a idade que V. Exa. julga mais acertada para o casamento na mulher.

D. Leolina desatracou o cinturão, de onde pendia um enorme facão de açougueiro e, enquanto fazia isso ia-nos dizendo:

- A resposta, como o paisano não ignora, não é difícil. A mulher, em nossos dias tem obrigações muito sérias, deveres muito respeitáveis, que a impedem de viver exclusivamente para a família. A participação nos negócios públicos, o serviço militar,(...) são ocupações que tomam a vida de uma mulher até, pelo menos, os cinqüenta anos. Até essa idade, pois, a mulher deve pertencer à pátria. Depois então é que ela, desobrigada dos deveres cívicos, poderá tomar ao seu cargo isto é, sobre sua proteção, um homem que lhe agrade."⁸

Neste artigo, a feminista é imaginada como uma mulher tola, que pretende imitar o comportamento do homem e se julga superior a ele. Mais do que isso, a feminista seria uma mulher avessa à família: uma

⁸ "Elegâncias", in D. Quixote, n. 207. S.l., 27.04.1921 (grifos meus).

mulher que se casasse depois dos cinquenta anos não poderia mais gerar filhos... Se a moda pegasse, adeus raça humana!

O artigo "As mulheres, a política e a defesa nacional" da revista paulistana *Careta* configura uma imagem um pouco diferente: a mulher feia, o "canhão", que serviria no exército provavelmente por não poder casar-se, por não conseguir marido:

*"Sendo, como se sabe, pouco bonitas as mulheres que andam metidas com política, conduzí-las ao serviço militar obrigatório seria dotar o exército, com economia e facilidade, de vastas baterias de artilharia pesada. Toda a gente sabe que é impossível fazer a guerra moderna sem canhões."*⁹

Desde o carnaval carioca de 1891, nos primeiros anos da República, a imagem da feminista como "mulher-que-quer-virar-homem" se desenhava. O jornal *O Paiz* na edição do dia 10/02/1891, noticiava que um dos carros alegóricos da Sociedade Carnavalesca dos Democráticos apresentava mulheres "mais ou menos barbudas", berrando os seguintes versos:

"As mulheres votam: propaganda prática e animada por espirituosos tribunos, no intuito de dar à mulher o que só tem sido dos homens

Discutiu-se ardentemente e é crença de muita gente que dê lá por onde der o que ao homem se garante não se negue doravante à mulher

Mas que o voto lhe assegure aparte o exército e o júri tanto quanto se puder

Já num discurso inspirado disse isso o Costa Machado da mulher.

Que o voto se lhe permita, mas (exceção esquisita de quem

⁹ "As mulheres, a política e a defesa nacional", in *Careta*. Ano 26, n. 1282. Rio de Janeiro, 14.01.1933, p. 20.

tal reforma quer) que não seja recrutada nem para o júri sorteada a mulher.

Porém o exemplo palpável vivo, claro, incontestável diga o Zama o que disser.

Em resumo disso eu noto que há assim de ser o voto da mulher."¹⁰

Diversos artigos de revistas destinadas ao público feminino, tais como *Eu Sei Tudo* e *A Cigarra* e de revistas de cultura como *Revista do Brasil*, *Kosmos*, etc., por outro lado manifestavam uma certa aprovação àquilo que identificavam como o feminismo ou, melhor dizendo, ao que era considerado pelos autores um bom feminismo: a mulher que estuda, a mulher que trabalha, a esportista, a mãe instruída, as mulheres que obtiveram direito ao voto e, uma vez eleitas proibiram o consumo de bebidas alcoólicas e fomentaram a caridade. A imagem da feminista ideal, segundo essas revistas, seria a mulher moderna; possibilitar à mulher tornar-se moderna, como já foi dito, deveria ser a meta do feminismo. Em contraposição ao bom feminismo, havia o mau feminismo, o feminismo das mulheres que se envolvem demais na política, alvo de críticas e sarcasmo, principalmente nas páginas de *Eu Sei Tudo*. Como exemplo desse sarcasmo, pode-se citar o artigo "A república feminina de Santo Ambrósio - Um país sem homens". O artigo conta a história de um grupo de mulheres que resolveu se rebelar e fundar um país totalmente feminino e que fez um manifesto público desprezando o sexo masculino. O autor do artigo afirma não acreditar na notícia, pois algo tão absurdo só poderia ser pilhéria¹¹.

¹⁰ Artigo do jornal *O Paiz*, apud. PEREIRA, Cristina Schettini. *Nas barbas de Momo - Os sentidos da presença feminina no carnaval das grandes sociedades*. monografia de bacharelado em História, UNICAMP, 1994, mimeo.

¹¹ A república feminina de Santo Ambrósio - Um país sem homens", in *Eu Sei Tudo*, n. 217, 1935, p. 33.

1.2. O FEMINISMO "COMO DEVE SER": A MENSAGEIRA E O FEMINISMO LIBERAL

No Brasil da virada do século (1890-1910), começava a nascer um feminismo que contestava os já citados mitos sobre a inferioridade feminina e a imagem da intelectual como uma mulher avessa ao lar e à família. As mulheres que se engajaram nesta corrente do feminismo provinham das elites cafeeiras e das camadas médias urbanas, principalmente do Estado de São Paulo, como por exemplo, Presciliana Duarte de Almeida, fundadora da revista *A Mensageira*. Desse modo, além de terem tido acesso à instrução, compartilhavam com alguns princípios do ideário liberal de seus pais e maridos (a liberdade individual, a democracia representativa, etc.¹²).

Como expoentes da imprensa feminista liberal, destacaram-se duas revistas: *A Mensageira* (1897-1900) e *Revista Feminina* (1914-1936). O discurso emancipatório de ambas as revistas incentivava a participação feminina no espaço público, ou seja, na vida social e cultural do país, enfatizando, à semelhança do discurso masculino progressista, a necessidade da instrução e, opcionalmente, do trabalho, com a finalidade de educar melhor os filhos (os homens e mulheres do futuro) e de impedir que a mulher se entregasse à futilidade, tornando os bailes e os vestidos seus únicos interesses. Margareth Rago, em seu livro *Os Prazeres da Noite*, chama atenção para o fato do discurso dessas revistas tomar como base para a construção de uma nova subjetividade feminina vários dos argumentos do discurso masculino, inclusive alguns argumentos positivistas, biologizantes ou essencialistas que insistiam na predestinação

¹² Algumas dessas mulheres literatas, como, por exemplo, Júlia Lopes de Almeida, notabilizaram-se, ainda no período monárquico, por defenderem posições abolicionistas e /ou republicanas nos livros que escreviam. A esse respeito, veja-se LUCA, Leonora de. *Júlia Lopes de Almeida e o feminismo no Brasil da virada do século*. Relatório parcial de pesquisa - Iniciação Científica - SAE/FAEP -Unicamp, 2º semestre de 1994.

da mulher para a maternidade, na natureza feminina, etc., sem questioná-los¹³.

Segundo esta autora, o feminismo dessas revistas não se pautava pelo questionamento profundo dos papéis tradicionais masculinos e femininos; ao contrário, utilizava argumentos que valorizavam e reforçavam essas construções para reivindicar o acesso da mulher à instrução e ao mercado de trabalho. De fato, havia uma correspondência entre a proposta emancipatória do feminismo liberal e aquilo que os "homens cultos" definiam como o dever ser do feminismo (não é demais lembrar que a maioria dos homens e mulheres que escrevia em *A Mensageira* não era favorável ao sufrágio feminino).

A revista em que este item do artigo se concentrará, *A Mensageira*, era basicamente uma revista de literatura, de cultura, de divulgação de idéias. Nesta revista, mulheres literatas ricas e cultas tinham espaço para divulgar sua produção cultural, para se comunicarem e para estabelecerem um diálogo com os homens, reivindicando o direito de terem outras aspirações além do lar e da maternidade¹⁴. O primeiro editorial da revista, escrito por Presciliana D. de Almeida, intitulado "Duas Palavras", mostra claramente estes objetivos:

"Estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias ao remansoso lar, algum pensamento novo - sonho de poeta ou fruto de observação acurada - eis o fim a que, modestamente, nos propomos. (...)

Que a nossa revista seja como que um centro para o qual convirja a inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável, nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam nossas páginas com suas produções

¹³ RAGO, M. *Op. Cit.* 1991, cap. II.

¹⁴ HAHNNER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas - 1850 - 1937*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

admiráveis e belas; que as que comecem a manejar a pena (...) procurem aqui um ponto de apoio (...)."¹⁵

O próprio nome da revista traz em si uma idéia importante: a revista que leva uma mensagem das articulistas às demais mulheres. Uma mensagem que, na opinião dessas articulistas, das "mensageiras", era fundamental: as mulheres deveriam se instruir, ler, escrever, freqüentar espetáculos artísticos, amar a arte, pois aquelas que escrevessem e que se instruissem não seriam elementos da desordem. Para elas, a feminista não destruiria a família, pois a maternidade e a participação social não seriam mutuamente excludentes. Muito pelo contrário, a mulher participante e bem educada seria um instrumento poderoso para que o Brasil se tornasse um grande país. Assim sendo, este ideal do progresso feminino se configurava em diversos artigos, tais como "Falso Encanto" de Maria Emília:

"Sempre que se fala em modificar a educação da mulher ou ampliar os seus meios de ação, aparece alguém que faça apologia da mulher como rainha que deve ser... pela fraqueza! Que o encanto da mulher está justamente na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade!

*Pensem assim ou não, entretanto, queiram ou não queiram, a mulher instruída, forte, (...) será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos os seus pensamentos e ajudá-lo em todas as resoluções difíceis."*¹⁶

Ao apresentar estes trechos de artigos, pretendo fazer uso dos mesmos para apreender, nas entrelinhas do discurso feminista, a imagem que as "mensageiras" faziam de si mesmas. Não tenho a intenção de julgá-las ou de julgar seu feminismo, embora reconheça uma grande

¹⁵ ALMEIDA, Presciliana D. de. "Duas palavras", in *A Mensageira*. Ano 1, n. 1. São Paulo, 15.10.1897, p. 1-2 da edição fac-similar.

¹⁶ EMÍLIA, Maria. "Falso encanto", in *A Mensageira*. Ano 1, n. 2. São Paulo, s.d., p. 17-18 da edição fac-similar.

semelhança entre o projeto emancipatório de *A Mensageira* e o que o discurso masculino definiria como um *bom feminismo*. O discurso de *A Mensageira* visava, sem dúvida, a construir uma mulher moderna. A "nova mulher" para as "mensagemieras" seria inteligente, forte, bem-educada, ativa, participante da vida social e cultural do país, amante da arte, sem, no entanto, deixar de ser uma mãe dedicada à família. Essa "nova mulher" é idealizada em alguns artigos:

"Precisamos compreender antes de tudo e afirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de ação prejudicial à mulher na família, que é a bem da própria família, principalmente dela, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita.

Os povos mais fortes, mais práticos, mais ativos e mais felizes são aqueles onde a mulher não figura como mero objeto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitudes da vida com uma profissão que as ampare num dia de luta, e uma boa classe de noções e conhecimentos sólidos que lhes aperfeiçoem as qualidades morais.

Uma mãe disciplinada, instruída, bem conhecedora dos seus deveres, marcará fundo, indestrutivelmente, no espírito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho de que tanto carecemos. Parece-me que esses são os elementos de progresso e paz para as nações. (...)"¹⁷

A auto-imagem das "mensagemieras" não diferia muito deste ideal, projetado para as demais mulheres: fortes, inteligentes, patriotas. Feministas que levavam sua mensagem de progresso e amor à cultura, intencionando assim ampliar o contingente de mulheres modernas e progressistas, dando o exemplo para quem o quisesse seguir.

¹⁷ ALMEIDA, Júlia Lopes de. "Entre amigas", in *A Mensageira*. Ano 1. n. 1. São Paulo, 15.10.1897, p. 3-5 da edição fac-similar.

1. 3. ENTRE OS LIBERTÁRIOS, ALGUMAS MULHERES ARROJADAS: RENASCENÇA E O FEMINISMO NO IDEÁRIO ANARQUISTA

A partir da Primeira República, contemporâneo à doutrina liberal, o pensamento libertário ou anarquista ganhou força no Brasil, principalmente dentro do movimento operário, por influência dos imigrantes italianos, espanhóis e portugueses¹⁸. Os anarquistas, defensores da ação individual, contrários à democracia representativa e à delegação de poderes (e portanto, ao voto), sonhavam com uma sociedade sem padrões, autoridades, religiões e preconceitos, onde as relações amorosas e sexuais seriam livres. Desse modo, o movimento anarquista pôde oferecer espaço para a discussão de diversos problemas femininos, problemas que normalmente não teriam tanto espaço em outras correntes da esquerda e muito menos dentro do pensamento da (ultra-moralista) direita, por serem assuntos do âmbito privado: a relação homem/mulher, o amor, a maternidade, a sexualidade, a família, o controle da natalidade, entre outros¹⁹.

No mundo todo, o movimento anarquista caracterizou-se por problematizar estas questões. Os debates sobre a maternidade voluntária e o controle da natalidade causaram muita polêmica e algumas anarquistas, por causa disso, foram muito perseguidas²⁰.

No Brasil, essas questões chegaram através de diversos jornais e revistas, como por exemplo em *Aurora*, que publicava e traduzia artigos discutindo idéias malthusianas (e outras idéias afins) sobre o controle da

¹⁸ Vide FAUSTO, Bóris, *Trabalho urbano e conflito social no Brasil*, São Paulo, DIFEL, 1976; Foot-Hardman, F., *Nem pátria, nem patrão*; Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1983, e RAGO, M., *Do cabaré ao lar*; *A utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

¹⁹ RAGO, M. "A experiência feminina do Anarquismo", artigo apresentado no seminário "20 Anos do Arquivo Edgard Leuenroth", julho de 1994, mimeo.

²⁰ Como exemplo, basta lembrar que, nos EUA, Emma Goldman, devido à sua campanha pelo controle da natalidade, foi deportada e ficou conhecida como "a mulher mais perigosa do mundo". Vide LOBO, Elisabeth Souza. *Emma Goldman*; A vida como revolução. São Paulo, Brasiliense, 1982.

natalidade, propostas de "greve dos ventres" e sobre a maternidade como uma escolha da mulher. Este último tema terá o trecho de um artigo transcrito a seguir:

"Ah,! Por certo, exaltem a maternidade! Glorifiquem-lhe a gloriosa grandeza!... Mas não façam dela a única razão de ser, e como que a desculpa do Amor. O Amor traz em si próprio a sua beleza, e não necessita de desculpa!

*A maternidade, consciente e voluntária, será mais sublime ainda. Ninguém tem o direito de a impor, como ninguém tem o direito de a proibir. Escolha cada mulher por si mesma o seu destino. Fala-se muito da "felicidade da humanidade"; cada um traz sua fórmula ou sistema. Mas a felicidade, coisa essencialmente relativa, variando com os indivíduos, não se pode regulamentar; (...) e as únicas doutrinas de felicidade são as doutrinas de liberdade!"*²¹

A revista *Renascença*, que circulou durante todo o ano de 1923, dirigida pela intelectual anarquista Maria Lacerda de Moura, destacou-se na imprensa feminista de cunho libertário. Nesta revista, que dava destaque à cultura e à arte, escreviam mulheres e homens identificados com o anarquismo. Analogamente a *A Mensageira*, enfatizava a necessidade de instrução e de trabalho para a mulher. No entanto, diferenciava-se da mesma pelo caráter marcadamente anti-capitalista de alguns artigos (que não serão citados aqui), pela manutenção de um espaço fixo para notícias do movimento operário, pela maior radicalidade da crítica ao patriarcado e pelo seu projeto de emancipação feminina, embutido numa perspectiva ampla de emancipação de toda a humanidade expresso no editorial do n. 2 da revista, escrito por Maria Lacerda de Moura:

²¹ ROUSSEL, Nelly. "Amor fecundo, amor estéril", in *Aurora*, n. 6. São Paulo, jul. 1905, p.5.

"Renascença não trata apenas de políticas ou de religiões. A sua religião é a Religião do individualismo consciente para o altruísmo - em busca do bem-estar para todos; é a Religião do Amor, da Sabedoria e da Arte, num conjunto harmonioso para a escalada da perfeição.

A sua Política é a Política da transformação radical da sociedade vigente no sentido de distribuir o pão para todas as bocas e a luz para os desvãos das consciências adormecidas; é a Política que sonha com a amplitude de todos os valores individuais, com a aristocracia do mérito para a expansão das vocações sadias e do idealismo clarividente em oposição à chatice da mediocridade prepotente que espezinha e aniquila e adormece e mata as ilusões e os sonhos mais castos.(...)"²²

O ideal feminista propriamente dito, sempre presente nos artigos, mas nem sempre nomeado como tal, aparece mais claramente definido no artigo "A Mulher seus direitos no futuro", de Ana de Castro Osório:

"Em princípio, a questão feminista resume-se ao direito que as mulheres conscientes reclamam de serem consideradas seres humanos, com iguais direitos legais e sociais perante uma concorrência inteligente de valores e capacidades de trabalho (...), pois que as qualidades e defeitos comuns são equivalentes nos dois sexos, porque todos são humanos. Diferenças se as há, são de educação e do meio, que atuam em determinadas criaturas por reagências diversas.(...)"²³

Uma vez que o feminismo expresso na revista *Renascença* estava inserido num projeto de ampla transformação social, a construção da

²² MOURA, Maria Lacerda de. *Renascença*, n. 2. São Paulo, mar. 1923.

²³ OSÓRIO, Ana de Castro. "A mulher - seus direitos no futuro, in *Renascença*, n. 1. São Paulo, fev. 1923.

auto imagem das feministas que faziam a revista enfatizava as características intelectuais e o caráter. As conquistas de mulheres que tiveram coragem de se aventurar em campos tradicionalmente masculinos, como as acadêmicas de direito Adalzira Bitencourt e Ormindia Bastos eram efusivamente propagadas, ressaltando-se a capacidade das mesmas em sobressair nessas profissões. As próprias feministas eram apresentadas como mulheres à frente do seu tempo:

"A senhorita Jovina Rocha Álvares, uma das mais empolgantes mentalidades femininas do nosso país.

*É a diretora do Departamento Social da 'União Feminina Paulista' e foi uma das fundadoras da 'Federação Internacional Feminina'. Jovina Álvares é o tipo da mulher moderna, clarividente, despida de preconceitos, com uma noção exata do papel da mulher nesse período de transição. Sua atitude é sempre nobre, digna, sem subterfúgios, assumindo responsabilidades e não fugindo nunca de seus compromissos.(...) É bem um belo exemplo de tudo quanto pode um'alma incorruptível de mulher sonhando o sonho da liberdade, lutando pela educação feminina e protestando sempre contra os prejuízos sociais, contra os preconceitos religiosos e políticos."*²⁴

Acima deste texto encontra-se, bem destacada, a fotografia da bela Jovina, o contrário da imagem de uma *suffragette* feia e sisuda.

As feministas do grupo de Maria Lacerda de Moura enxergavam-se como mulheres emancipadas, inteligentes, capazes, cultas, que desafiavam as tradições e preconceitos. Mulheres aptas para transformar a sociedade, para construir uma sociedade onde a mulher teria uma papel de destaque.

²⁴ "Homenagem a Jovina Álvares", in *Renascença*, n. 4. São Paulo, mai.- jun. 1923.

Entre as décadas de 30 e 70 muitas águas rolaram. O sufrágio feminino foi obtido gradativamente em todos os países do mundo, o que provocou o arrefecimento do movimento sufragista; o anarquismo, altamente reprimido e perseguido na maioria dos países, inclusive no Brasil, entrou em progressivo refluxo; a participação feminina no trabalho, nas universidades e na vida social cresceu consideravelmente; houve a Segunda Guerra Mundial, uma guerra na Coréia e outra no Vietnã; além de diversos movimentos de independência nas colônias européias na Ásia e na África; surgiram os *Beatles* (e os *Rolling Stones*!), o movimento hippie, a mini-saia, a pílula anticoncepcional (e com ela a Revolução Sexual).

O feminismo que emergiu no Brasil a partir da década de 70 nesse novo contexto teve características muito distintas do(s) feminismo(s) do início do século. Entretanto, as auto-imagens das feministas nos dois momentos apresenta semelhanças muito peculiares, como será possível observar no próximo item.

2. O IMAGINÁRIO DO FEMINISMO NOS ANOS 70 E 80.

Como parte do conjunto de mudanças anteriormente citado, emerge a partir da década de 60 na Europa e nos EUA o chamado "feminismo organizado", corporificado em organizações como a NOW (*National Organization of Women*, Norte-Americana), questionando a rigidez dos papéis sexuais, o mito do amor materno, as desigualdades salariais e desrespeitos nos locais de trabalho, a "educação-para-a-submissão" ministrada à mulher, etc. *A Mística Feminina*, de Betty Friedan e *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir foram obras importantes desse período, exercendo ampla influência sobre as primeiras gerações de feministas do pós-60.

No Brasil, o ressurgimento do feminismo se deu num contexto muito particular da história do país; este havia passado por inúmeras e significativas transformações políticas, culturais, sociais e econômicas: implantação da indústria de bens de consumo duráveis, milagre econômico, urbanização, golpe militar, bossa-nova, jovem guarda,

FOTO

festivais de música, tropicalismo, guerrilha urbana, exílio ou prisão de muitos dos militantes de esquerda...²⁵

Na segunda metade da década de 70, a esquerda brasileira buscava reorganizar-se após a derrota da resistência armada. A política de "distensão" do regime militar iniciada pelo general Geisel, somada a um cenário de grande exclusão social da população pobre, à eclosão de diversos movimentos populares que questionavam essa exclusão e à entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, forneceram elementos para que diversas mulheres da esquerda, que participavam de círculos feministas "fechados" de reflexão, vissem na decretação do Ano Internacional da Mulher pela ONU uma oportunidade de voltar a militar politicamente e atuar junto aos movimentos de mulheres (clubes de mães, associações de donas de casa, etc.) com a finalidade de integrar esses movimentos à luta por liberdades democráticas, por melhorias das condições sociais e pela obtenção de diversos direitos (igualdade salarial e creches)²⁶.

Os discursos dos jornais feministas desse período, *Brasil Mulher* (1975-1980) e *Nós Mulheres* (1976-1978), e do período posterior, *Chanacomchana* (1981-1987) e *Mulherio* (1981-1988), das revistas femininas *Cláudia* e *Mais*, bem como o discurso masculino do qual tomarei como exemplo o discurso anti-feminista de um famoso jornal humorístico da esquerda, o *Pasquim*, elaboraram, cada um, sua imagem do feminismo e da feminista. Dessas representações, tão diversas entre si, tratarei nos itens que seguem.

²⁵ Vide MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Família e feminismo - Reflexões sobre os papéis femininos na imprensa para mulheres*. São Paulo, 1981, Tese de Doutorado, FFLCH/ USP, e TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Uma breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

²⁶ Vide COSTA, Albertina de Oliveira. "É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação - São Paulo, 1970", in *Cadernos de Pesquisa*, n. 66, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, s.d.; ALVAREZ, Sônia. "Politizando as relações de gênero e engendrando a democracia", in STEPAN, A. (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

2.1. A TRABALHADORA ONIPRESENTE E A FEMINISTA (QUASE) INVISÍVEL: IMAGENS DO FEMINISMO EM *BRASIL MULHER E NÓS MULHERES*.

O feminismo dos anos 70 visava a criar uma nova imagem de mulher, em contraposição à imagem construída no início do século, da mulher voltada para o lar, confinada ao espaço privado. Essa "nova mulher" deveria, segundo o discurso feminista dos jornais da década de 70, trabalhar fora de casa e, além disso, militar pela transformação da sociedade, em pé de igualdade com os homens.

O primeiro jornal feminista dos anos 70, *Brasil Mulher (BM)* surgiu em 1975, em Londrina (Paraná). Dirigido pela jornalista Joana Lopes, tinha como objetivos propagar a luta por liberdades democráticas²⁷, divulgar a participação feminina em diversos movimentos sociais tais como sindicatos, associações de bairro ou clubes de mães-conscientizar e mobilizar a mulher para a conquista da igualdade de direitos:

"Não é o jornal da mulher. Seu objetivo é ser mais uma voz na busca e na tomada da igualdade perdida. Trabalho que se destina a homens e mulheres.(...)"

A época do beicinho está definitivamente para trás, porque milhares de mulheres em todo o mundo fazem uma jornada dupla de trabalho (...); mulheres que desejam trabalhar e serem independentes economicamente de seus maridos, são obrigadas a levar uma vida ociosa, sem nenhuma perspectiva de serem consideradas seres que pensam (...).

*Queremos usar a inteligência, informação e conhecimento em função da igualdade e, desde já a propomos, como equidade entre homens e mulheres de qualquer latitude."*²⁸

²⁷ PONTES, Heloísa. *Do palco aos bastidores: o SOS-Mulher e as práticas feministas contemporâneas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, 1983. A autora informa sobre o caráter não oficial do Movimento Feminino pela Anistia do Jornal *Brasil Mulher*.

²⁸ *Brasil Mulher*. Ano 1, n. 0. Londrina, 09.10.1975, p. 2 (grifos meus).

De início, portanto, o *BM* não se definia como um jornal estritamente feminista. Seu projeto de emancipação feminina seria parte de uma luta geral pela transformação da sociedade, conforme afirmaram as próprias jornalistas, num Editorial:

"Há dois anos, surgiu em Londrina, Paraná, o jornal Brasil Mulher, criado por um grupo de mulheres. Conscientes de que as mulheres representam o setor politicamente menos ativo da sociedade, tentavam, com essa iniciativa mobilizá-las para as lutas por liberdades democráticas e por anistia ampla e irrestrita a todos os presos, exilados e banidos políticos.

*O jornal apareceu com o objetivo de propagar essas lutas para o setor feminino da população, como uma iniciativa pioneira, dentro da imprensa independente e combativa do país. Embora ainda não tivesse consciência da problemática específica da mulher, a sua preocupação em mobilizar as mulheres para as questões gerais teve um caráter positivo."*²⁹

O público-alvo do *BM* era, sem dúvida, as mulheres dos meios populares. Sua presença era constante no jornal: os tipos de assuntos abordados eram os que lhes diziam respeito, como a falta de saneamento básico na periferia e favelas, a falta de creches, de escolas e de postos de saúde, a carestia, as condições de trabalho, os congressos de trabalhadoras, etc. As fotografias que ilustram os artigos e as capas do *BM* mostram sempre mulheres sofridas, envelhecidas e pobres.

A mulheres de classe baixa, as trabalhadoras, no discurso do jornal, eram constantemente enxergadas como vítimas do capitalismo, do patriarcado e das péssimas condições de vida. Vítima que também era heroína. Seu contraponto, a mulher emancipada ou liberada, das classes média e alta, não era mencionado no jornal, salvo quando lhe eram dirigidas críticas:

²⁹ *Brasil Mulher*, n. 10. Londrina, dez. 1977, p. 2 (grifos meus).

*"Poucas mulheres vão identificar-se com Paloma. Mas como seria possível o contrário? Ela é tão diferente das nossas mulheres fortes e decididas, mulheres do dia-a-dia, do despertador, do ônibus, do emprego, da faxina, das crianças! Paloma é uma bela figura, feita de contradições, de coragem de romper velhos preconceitos sobre a mulher. (...) Afinal ela é uma heroína da TV, rica, bonita, realizada, que 'levantou vôo' sozinha. Afinal ela não precisa se preocupar com creches ou com o preço da cebola."*³⁰

Esta mistura de elogio e crítica, dirigida a uma imagem de mulher "emancipada", provavelmente de classe alta ou média-alta, não deixa de ser estranha, levando-se em conta o fato de que as jornalistas do *BM* faziam parte da classe média e se consideravam emancipadas, profissionalmente realizadas, financeiramente independentes...

O discurso vitimizante/heroicizante construído sobre a "outra" (a trabalhadora), embutido de uma grande dose de paternalismo (ou seria melhor dizer "maternalismo"?) acabava quase por excluir as próprias feministas do público, do contingente de mulheres discriminadas e oprimidas.

Todos esses elementos estão presentes também no jornal *Nós Mulheres (NM)*, de São Paulo: a presença constante da trabalhadora vitimizada/heroicizada contraposta à (quase total) ausência da feminista; o maior questionamento da discriminação classista em detrimento da discriminação sexista; a subordinação das questões específicas à luta geral por anistia, democracia e pela melhoria das condições de vida. Muitos desses elementos apareciam no *NM* de forma até mais acentuada. Por exemplo, as matérias do *NM* não eram assinadas, ou seja, não é possível identificar as autoras. As feministas, mais do que nunca, estão *invisíveis*.

Alguns temas destacavam-se muito mais do que outros na pauta de ambos os jornais. Por exemplo: a luta pela transformação da sociedade

³⁰ "Os vôos de Paloma", in *Brasil Mulher*, n. 16. Londrina, set. 1979, p. 243.

acabava por ser mais enfatizada do que uma luta pela resolução de carências especificamente femininas ou do que um questionamento aprofundado das relações entre os sexos. No entanto, no NM, a crítica ao patriarcado assume uma maior radicalidade, como é possível constatar no primeiro editorial do jornal:

"Desde que nós nascemos, Nós Mulheres ouvimos em casa, na escola, no trabalho, na rua, em todos os lugares, que a nossa função na vida é casar e ter filhos. Que Nós Mulheres não precisamos estudar, pois isso é coisa prá homem.(...) Além disso, aprendemos que sexo é um pecado para Nós Mulheres, que devemos seguir virgens até o casamento e que as relações sexuais entre marido e mulher deve ter como principal objetivo a procriação. Aprendemos também que devemos estar sempre preocupadas com nossa aparência física, que devemos ser dóceis, submissas e puras para conseguir marido.(...) Quando vamos procurar emprego,(...)sempre encontramos mais dificuldades que os homens porque somos mulheres. Dizem-nos que não seremos boas trabalhadoras porque traremos para o serviço o cansaço de casa e a preocupação com nossos filhos. E quando, com muita dificuldade, conseguimos um emprego (...) sempre ganhamos menos que os homens, mesmo fazendo o mesmo que eles. E, neste emprego, nossos cargos são sempre subalternos. Nós Mulheres somos oprimidas porque somos mulheres.(...)".³¹

O questionamento do machismo da sociedade brasileira, num dado momento, arrefece, e o discurso do NM volta a se encaixar no modelo da crítica à deficiência das políticas públicas:

"(...) o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos é um trabalho necessário(...). Queremos, portanto, boas creches e

³¹ *Nós Mulheres*, n.1. São Paulo, jun. 1976, p. 2.

*escolas para nossos filhos, lavanderias coletivas e restaurantes a preços populares, para que possamos, junto com os homens, assumir as responsabilidades da sociedade."*³²

Uma questão de suma importância para os dois jornais era a contracepção, devido à oposição do conjunto da esquerda aos programas governamentais de planejamento familiar, na época, caracterizados por práticas "controlistas", ou seja, que se baseavam na distribuição massiva de anticoncepcionais, sem qualquer orientação, à população pobre, visando a diminuir o crescimento populacional. Ambos os jornais faziam oposição radical ao programa de controle da natalidade: o *BM* muito mais que o *NM*. Na história-em-quadrinhos "Pilulinhas Porretas"³³, mulheres faveladas recebem a visita de uma funcionária do Programa de Prevenção à Gravidez de Risco, que diz que distribuirá pílulas às faveladas para que estas não sofram com a gravidez indesejada, com os partos, etc. Uma das faveladas a enfrenta e, falando como líder, diz que em vez de pílulas, as faveladas prefeririam ter acesso a métodos menos perigosos de evitar filhos, direito de escolher o número de filhos e boas condições para criá-los, e termina propondo a criação de uma associação de mulheres faveladas.

Entretanto, cabe aqui ressaltar, a oposição do *BM* não se restringia somente aos programas "controlistas" do governo: acabava sendo uma oposição à pílula em si, como se destaca no artigo "Pílulas... ora pílulas!":

³² Fazendo um balanço das semelhanças e diferenças entre os dois jornais, pode-se perceber, além do que já foi citado, que apesar de um maior radicalismo na crítica ao patriarcado, o discurso do *NM* ainda primava por colocar os problemas gerais da sociedade brasileira numa esfera um pouco acima da problemática especificamente feminina. Além disso, é um discurso que, a meu ver, ainda deixa a desejar em termos de questionamento: quando se reivindica a socialização do trabalho doméstico, pretende-se que o Estado se torne uma "esposa" e que as mulheres atuem no espaço público (trabalhem e estudem) como se também fossem "maridos". Pouco se questiona o fato do homem não colaborar em casa.

³³ "Pilulinhas porretas", in *Brasil Mulher*, n. 13. Londrina, jul. 1978.

*"Prezada leitora: Jogue Fora a sua 'pílula'. Faça isso agora, imediatamente, assim que acabar de ler este artigo, em solidariedade a você. E aconselhe sua amiga a fazer o mesmo, ou então, não se queixe amanhã, amargamente, de não ter sido advertida a tempo."*³⁴

A questão da contracepção conduz a uma outra questão delicada, algo que foi um verdadeiro *tabu* até meados dos anos 70: falar da sexualidade. Os dois jornais, sobretudo o *BM*, tratavam desta questão didática, formal e superficialmente: eram mostradas ilustrações do aparelho genital feminino e instruções sobre o uso de contraceptivos. A sexualidade, o prazer e a saúde não estavam na ordem do dia, eram consideradas questões supérfluas. Entretanto, a sexualidade era uma questão muito mais cara às feministas do *NM*, apesar da falta de profundidade na abordagem do assunto:

"(...) a sexualidade é muito mais do que isso (agradar ao marido e procriar): é uma fonte inesgotável de prazeres físicos e psicológicos, de enriquecimento e de aplicação de afetividade. Infelizmente, porém, nem todas as mulheres conseguem usufruir de seu corpo pois são, muitas vezes, usadas de forma brutal como objeto sexual do marido, ou então tratadas como meras máquinas de parir filhos.

*Quando a mulher pode dominar seu corpo, pela contracepção (evitando a gravidez), separando assim a sexualidade da procriação, um grande passo foi dado no sentido da emancipação feminina. Para as mulheres, agora, ficou mais fácil escolher se desejam ou não ter filhos e, desta maneira, amar sem temor da gravidez indesejada."*³⁵

Se compararmos o tratamento dispensado à mesma questão pelos dois jornais, veremos que para as feministas do *BM*, a sexualidade não

³⁴ "Pílulas... ora pílulas!", in *Brasil Mulher*, n. 1. Londrina, dez. 1975, p. 7.

³⁵ "Sexo: pecado para as mulheres", in *Nós Mulheres*, n. 6. São Paulo, ago.- set. 1977.

era uma bandeira de luta, algo que devesse ser reivindicado pelo feminismo. Era uma questão que se resolveria por si, era só dar tempo ao tempo:

*"(...) toda essa situação que põe a mulher como simples objeto que pode ser usado quando o homem quer e só quando ele quer está mudando aos poucos com a evolução geral da sociedade. Já é possível à mulher compreender que o seu sexo não é apenas para o prazer do marido, mas também para sua satisfação."*³⁶

Assim como a sexualidade, a beleza e a feminilidade não estavam na ordem do dia: beleza e vaidade estavam associadas à burrice, à fragilidade, não combinavam nem com as feministas intelectuais-racionais, nem com a "nova mulher" que se queria criar. O artigo "Tá na cara, você não vê?" mostra, ao lado de diversos anúncios publicitários com rostos de belas mulheres, fotografias de mulheres pobres e sofridas. O texto que acompanha as fotografias é incisivo:

*"Nós mulheres somos fortes, mas a propaganda nos faz frágeis, burras e 'gostasas'; porque é assim que essa sociedade nos usa para vender seus produtos. No entanto, somos tantas. E por trás dessas imagens há força, inteligência, trabalho, miséria. E opressão."*³⁷

Chamo atenção aqui para um fenômeno quase análogo ao que ocorreu quando o *BM* criticou Paloma, a personagem da TV: estão contrapostos dois tipos de mulher, a pobre e a dos anúncios. A primeira é enquadrada no binômio vítima/heróina e a segunda é criticada, rejeitada. E a feminista, mulher de classe média? Onde estaria enquadrada? A rejeição total ou parcial de questões como sexualidade, feminilidade, vaidade e afetividade no discurso dos dois jornais denota a construção

³⁶ "Mulher, um mito até quando?", in *Brasil Mulher*, n. 10. Londrina, dez. 1977.

³⁷ "Tá na cara, você não vê?", in *Nós Mulheres*, n. 6. São Paulo, ago.- set. 1977.

de uma auto-imagem da feminista a partir da ocultação de si, enquanto mulher e enquanto membro da classe média sob a "couraça" da militante, da intelectual racional e séria. A leitura do conjunto dos artigos permite dizer também que esta auto-imagem era definida em relação às representações das feministas sobre as trabalhadoras: a trabalhadora, vítima/heroína, seria o agente transformador da realidade. Do pouco que estas feministas mostram de si mesmas temos uma amostra na resposta à carta de uma leitora:

*"(...) é claro que o fato de ser mulher trabalhadora ou dos estratos mais baixos não é por si só garantia de uma maior consciência. Mulheres de classe média, por poderem frequentar universidades e outros círculos onde as idéias são mais livremente discutidas, são muitas vezes mais combativas na defesa de seus direitos."*³⁸

Apesar de todas as mulheres serem oprimidas, algumas eram mais que as outras. À feminista, que se enxergava como sendo a intelectual, a mulher combativa, consciente³⁹ e emancipada (no discurso dos dois jornais praticamente não se fala na discriminação da mulher de classe média; é como se isso não existisse), caberia conscientizar a trabalhadora quanto aos seus direitos.

A feminista via-se (e era vista) também como uma mulher que militava, trabalhava, participava da política em igualdade de condições com os homens, uma mulher que os desafiava, que os enfrentava. O depoimento concedido ao grupo do projeto "O feminismo no Brasil: utopias da emancipação feminina", em 24/05/94, por Eleonora Menicucci de Oliveira, (ex-presca política e feminista que, apesar de não ter participado diretamente dos dois jornais, militou e milita no movimento feminista desde os anos 70) é elucidativo a esse respeito. Este depoimento terá um trecho transcrito no item a seguir.

³⁸ *Nós Mulheres*, n. 4. São Paulo, abr.- maio 1977, p. 14.

³⁹ Vide editorial do *BM* n. 10, p. 174 deste artigo.

2.2. FEIAS, SUJAS E MALVADAS: AS FEMINISTAS NO IMAGINÁRIO MASCULINO E NO IMAGINÁRIO COLETIVO DOS ANOS 70 E 80.

O depoimento de Eleonora M. de Oliveira apresenta uma interessante interpretação de uma figura que é referência constante no imaginário masculino e no senso comum: a feminista "sapatão", uma alusão a algumas lésbicas que adquirem um comportamento semelhante ao masculino:

"(...) [a imagem da 'sapatão'] foi construída pelo mundo masculino, pela razão universal masculina, que tem pé grande, que calça mais do que 40, que não tem delicadeza prá andar (...). Então, quando esse mundo masculino ouviu, na década de 70, as mulheres dizerem que queriam pensar por conta própria (...), ficou louco, completamente sem sapatos, ficou descalço. Então eles olharam e falaram: 'Elas estão tomando nossos sapatos; elas vão querer pisar forte (...); a feminista está tomando o nosso lugar'.

Chamar de sapatão é desqualificar a mulher que não precisa do homem (...), tanto faz ser lésbica como não ser (...)."

A imagem a que Eleonora M. de Oliveira se refere é uma presença constante nas charges, artigos e capas do jornal que foi, sem dúvida, o maior representante da imprensa alternativa dos anos 70, o *Pasquim*. Além de ter sido o jornal de maior vendagem e circulação, o *Pasquim* reunia em seus quadros diversos humoristas/intelectuais da esquerda: Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar e Paulo Francis.

Nas páginas do *Pasquim*, a imagem da feminista que se evocava era a da "mulher que se mete onde não deve", semelhante à imagem veiculada por *D. Quixote*, *Careta*, *Eu Sei Tudo*, etc., no início do século. E, de maneira semelhante, a feminista era satirizada.

Na capa do n. 314 (04 a 10.07.1975, "edição especial sobre feminismo"), é mostrado um casal invertido: a mãe vestida de malandro (terno, charuto, chapéu e um sapato bicolor que a legenda identifica como

"sapatão") e o pai de família de vestido, embalando um "bebê" (uma boneca, assim identificada pela legenda: "Boneca. Que futuro, meu Deus!"). O que equivaleria a dizer que o feminismo estaria querendo que os papéis sexuais se invertessem e, se isso ocorresse, o futuro das crianças seria o homossexualismo. Seria a lama, o caos, a Anarquia Sexual.

A segurança dos homens (inclusive os da esquerda) em relação às referências sexuais com as quais haviam sido criados sofria diversos e graves abalos com a entrada cada vez maior das mulheres no espaço público e com a "Revolução Sexual". Algumas mulheres estavam trabalhando, militando, freqüentando a boêmia, fazendo sexo, falando palavrão com a mesma liberdade que os homens.

A confusão que se estabelecia no imaginário masculino (sobretudo no dos rapazes do *Pasquim*) é fácil de ser notada: Marília Pêra, Leila Diniz, Marisa Raja Gabaglia, etc., mulheres que, apesar de recusarem o rótulo de feministas, questionaram diversos preconceitos e poderiam ser consideradas mulheres emancipadas; tinham toda a simpatia da equipe do *Pasquim*. Por outro lado, as feministas propriamente ditas, as mulheres que falavam da discriminação sexista e da desigualdade entre os sexos, ainda que seus discursos pudessem ser considerados agressivos ou radicais, como, por exemplo, Betty Friedan e Elice Munerato, que eram apresentadas como "sapatões" ou como quimeras ferozes e assustadoras.

Entre as "gracinhas" dirigidas às feministas, destaco aqui apenas três. A primeira é uma fotografia que ilustra um artigo de Elice Munerato, feminista com discurso ultra-radical. A foto mostra um homem de saia, com botinas pesadas e cachimbo, fazendo "muque". A legenda explica:

"Chulipa (Mammy Yokun), de Al Capp, foi uma pioneira do Women's Lib. Com ela, homem não tinha vez: folgava, entrava no cacete"⁴⁰

⁴⁰ MUNERATO, Elice. *Pasquim*, n. 350. Rio de Janeiro, mar. 1976, p.7.

A segunda é uma charge. Nessa charge, as feministas reunidas gritam: "Mulheres, precisamos quebrar o pau!"⁴¹, enquanto um homem apreensivo protege o "órgão" em perigo.

A terceira, outra ilustração para um artigo de Elice Munerato, mostra uma feminista, vestida com a camiseta do *Women's Lib*, no papel de Lobo Mau, soprando um exemplar do *Pasquim* com uma mulher nua e as palavras "machismo", "sexismo" e "oportunismo" na capa, que serve de casinha para os porquinhos (chauvinistas) que empunham cruzes e espadas contra a feminista/lobo. Comentário da redação sobre o artigo: "Coinc, coinc"⁴².

Estando assim caracterizadas as feministas, a turma do *Pasquim* carregava com orgulho o rótulo de "porcos chauvinistas". Se pensarmos na "sapatão" como a mulher que "tira o sapato dos homens", como sugere Eleonora M. de Oliveira em seu depoimento, é possível inferir uma espécie de "código de valores" em relação às mulheres. Algo como a afirmação de que a mulher pode ser emancipada, mas não feminista, ou que discutir política deixaria a mulher muito chata, ou ainda que política não seria coisa prá mulher e a mulher que se mete em política queria trocar de lugar com o homem. Acredito até que, em princípio, a turma do *Pasquim* não discordasse das reivindicações feministas.

A imagem da feminista masculinizada e agressiva que circula no senso comum, criada no início do século e consolidada ao longo do tempo, amedrontava e amedronta as próprias mulheres, emancipadas ou não, pobres e ricas. As próprias mulheres da classe trabalhadora (potenciais leitoras do *Brasil Mulher* e do *Nós Mulheres*) tinham sérias objeções às feministas. Numa entrevista ao jornal *Chanacomchana*, do Grupo de Ação Lésbica-Feminista, a presidente da Associação das Donas de Casa de Santo André, Cida Kopcap e a entrevistadora discutem esse medo em relação ao feminismo:

⁴¹ *Pasquim*, n. 314. Rio de Janeiro, jul. 1975, p. 15.

⁴² MUNERATO, Elice. *Pasquim*, n. 345. Rio de Janeiro, fev. 197, p.5.

"GALF: E a relação da associação das donas de casa com o movimento feminista?"

CIDA: Antes o pessoal não aceitava por que as idéias feministas eram deturpadas pela televisão (...). Então o pessoal tinha muito medo, achava que ser feminista era querer ser homem ou tomar o lugar do homem. No primeiro número do jornal Nós Mulheres, a Raquel (Moreno) procurou a gente e o pessoal gelou a Raquel. Com o tempo, o pessoal jovem foi gostando das idéias feministas (...)."43

As próprias lésbicas, segundo a entrevistadora, compartilhariam da rejeição às feministas:

"Galf: O problema é que a palavra feminismo tem um cunho muito pejorativo; as pessoas associam feminista com lésbica. O que é uma coisa engraçada, porque as lésbicas em geral têm uma visão muito ruim das feministas. Uma vez eu estava falando com uma garota do grupo (...) e daí eu perguntei: 'Você sabe o que é feminista?' Ela disse: 'Ah, feminista não é mulher que quer imitar o homem?' Isso mostra que também para as lésbicas a palavra não tem uma conotação positiva, muito pelo contrário(...)."44

As imagens deturpadas do feminismo, veiculadas tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pela imprensa alternativa, semearam esse medo e essa rejeição à figura da feminista no imaginário popular de diferentes formas. Além da imagem da feminista como feia, masculinizada e feroz, que podemos considerar incorporada ao folclore brasileiro, outra imagem: a feminista "perua", a mulher emancipada que só quer exibir o corpo e pregar a liberdade sexual. Como exemplo dessa imagem, há um folheto editado em 1982 pela Confederação Paulista dos Clubes de Mães,

⁴³ *Chanacomchana*, n. 2. São Paulo, 1983, p. 6.

⁴⁴ Idem, *ibidem*.

que apresenta os debates realizados nessas associações durante o ano de 1980, intitulado "A libertação da mulher" onde a feminista é classificada exatamente assim: como uma mulher fútil, uma "perua" exibida. Na página 29 do folheto, uma das debatentes dá algumas pistas sobre esse tipo de imagem:

"Eu vi na televisão que quando se fala em libertação da mulher aparece a Sônia Braga tirando a roupa ... Deus me livre!"

A ilustração da página 28 do mesmo folheto complementa o desenho dessa imagem ao mostrar uma passeata de donas de casa reivindicando água, esgoto e creches, e uma feminista, de biquíni, chegando com um cartaz com o enunciado "*Pelas Liberdades Femininas*". As donas de casa, revoltadas, pintam no corpo da feminista as palavras: "*Queremos Luz*", "*Água*", "*Salário Mais Justo*", "*Mais Feijão*".

O texto e a ilustração expressam uma atitude defensiva das mães de família de periferia contra as mulheres emancipadas das classes mais altas em geral, feministas ou não. Nesse confuso conjunto de representações, essas mães de periferia consideravam como libertação da mulher o atendimento das suas necessidades imediatas acima citadas. Isso não quer dizer necessariamente que elas não estavam preparadas para falar em sexualidade. Entretanto, as mulheres que na época tocavam no assunto, como Marta Suplicy no programa *TV Mulher*, ou até mesmo Sônia Braga, eram mulheres das classes mais altas, mulheres às quais essas mães de periferia rejeitavam. Somando a tudo isso algumas doses de deturpação e confusão, a imagem estava formada.

Uma outra imagem, inversa a essa e resultante das próprias atitudes das feministas, sobretudo as da década de 70, também se apresenta no discurso de mulheres de classe baixa: a intelectual sisuda, a chatíssima "dona da verdade". Na já mencionada entrevista ao *Chanacomchana*, Cida Kopcap critica algumas feministas e suas ambições de representar as mulheres da classe trabalhadora, sem antes as consultar:

"Há um grupo de mulheres que se assumem feministas, e no meu ver não são. (...) Elas dizem que não podem falar de

*lesbianismo porque o pessoal do bairro não aceita isso. (...) elas falam: se eu puser isso (no programa), como é que fica para a Associação das donas de casa; o que elas vão pensar, por exemplo, do Brasil Mulher (...). Você sente que elas falam em nome de mulheres que elas nem sabem quem são."*⁴⁵

Imagem semelhante está desenhada (literalmente) em uma história-em-quadrinhos publicada no *Mulherio*, onde uma intransigente feminista brada para uma amiga:

*"Sem essa de sexualidade. Isso lá é problema? Problema é o desemprego, a fome! Sexualidade é uma luta menor. Afinal, você já viu alguém trepar com fome?"*⁴⁶

Surge, então, no cenário, um casal miserável e cheio de filhos, desmentindo suas afirmações.

Tantas imagens negativas, baseadas ou não no comportamento das feministas, acabaram tendo como efeito a rejeição por parte da sociedade em geral (e das mulheres em particular) ao movimento feminista. O trabalho de desconstrução dessas imagens e de elaboração de uma outra, nova e positiva, foi uma tarefa a que se propuseram feministas da década posterior e revistas femininas como *Cláudia* e *Mais*.

2. 3. AS REVISTAS FEMININAS E SUAS IMAGENS DO FEMINISMO: UMA TENTATIVA DE DESMISTIFICAÇÃO.

Dirigidas a um público das classes média e alta, as revistas femininas divulgavam, em suas matérias sobre comportamento e em seus editoriais de moda e beleza, subsídios para a construção de uma nova

⁴⁵ KOPCAP, Ciola. *Chanacomchana*, n. 2. São Paulo, 1983.

⁴⁶ *Mulherio*, n. 18. São Paulo, set.- out. 1984.

mulher, uma mulher moderna, ou seja, uma mulher bem-informada, que, mesmo trabalhando, não perderia sua feminilidade e sua preocupação em se manter sensual e atraente. As matérias sobre comportamento de *Mais* e *Cláudia*, nos anos 70 principalmente, tinham também como característica a divulgação de alguns princípios e idéias feministas. Embora o feminismo do modo como se apresenta nestas revistas não seja o foco deste artigo, ele merece ser mencionado.

Um exemplo disso são os vários artigos e aconselhamentos da psicóloga Carmen da Silva na Revista *Cláudia* (os quais não serão citados aqui) incentivando as leitoras a "serem alguém", a terem uma profissão, a buscarem a realização pessoal também fora do lar ou a "tomarem as rédeas dos seus destinos" (essas eram as expressões que ela usava). Outro ponto nodal em seus artigos era a necessidade de afirmar e reafirmar que o feminismo e o trabalho da mulher não significavam a declaração de uma guerra dos sexos. Num artigo intitulado "O que é ser uma mulher livre", Carmen da Silva discute as idéias de Betty Friedan, tentando mostrar a seu público que as idéias de Friedan eram inteligentes e que estavam sendo deturpadas⁴⁷.

A revista *Mais*, dirigida pela jornalista Judith Patarra, destacou-se por manter uma coluna mensal fixa com informações sobre o feminismo, escrita pela socióloga Eva Blay. Em diversos artigos que estimulavam as leitoras a aderirem ao feminismo, o mesmo era apresentado de forma didática, como no trecho de um artigo, que merece se citado:

*"Partindo de um núcleo inicial, já espontaneamente integrado por amigas, colegas e familiares, o grupo de conscientização começa com poucas pessoas que confiam umas nas outras. Funciona quase como um grupo de psicoterapia. Mas há diferenças: não há psicólogo a dirigí-lo, não há homens presentes e o tema é único: a condição feminina."*⁴⁸

⁴⁷ SILVA, Carmen da. "O que é ser uma mulher livre", in *Cláudia*. São Paulo, jul. 1971, p. 107-111.

⁴⁸ "Da luta pelo voto de nossas avós ao grupo de conscientização", in *Mais*, n. 2. São Paulo, s.d., p. 90.

Também era marcante em *Mais* a ênfase na desmistificação das imagens negativas adquiridas pelo feminismo: vários artigos mostravam exemplos de feministas inteligentes, femininas e bonitas⁴⁹. Esta tentativa de convencer o público de que a feminista não era o monstro que o discurso masculino pintava também foi uma das características da imprensa feminista dos anos 80, como veremos a seguir.

2.4. A GENTE NÃO QUER SÓ POLÍTICA. A GENTE QUER POLÍTICA, DIVERSÃO, SEXUALIDADE E ARTE: O IMAGINÁRIO DO FEMINISMO DOS ANOS 80 NO DISCURSO FEMINISTA DE CHANACOMCHANA E MULHERIO

Nos anos 70 o feminismo se caracterizou pelo enfrentamento dos homens, pela seriedade, pela subvalorização de questões do âmbito privado em detrimento de uma utopia de transformação social, pela rejeição quase total à feminilidade e por um discurso voltado para as mulheres de classe baixa. O feminismo dos anos 80, num contexto político cultural e social mais arejado com a redemocratização da sociedade e com a volta das exiladas políticas (cujo contato com os feminismos europeu e norte-americano fez com que, uma vez de volta ao Brasil, contribuíssem para incrementar o debate feminista e incluir os novos temas citados abaixo), pôde dar espaço para a politização de assuntos antes considerados supérfluos, como o corpo, a saúde, a sexualidade e a violência contra a mulher. Não se pode esquecer também que, nos anos 80, a própria esquerda estava revendo algumas de suas posições mais dogmáticas⁵⁰. Segundo Rosiska Darcy de Oliveira, nos anos 60 e 70, as mulheres, principalmente as feministas,

⁴⁹ Vide artigo de Mayra Correa e Castro neste volume.

⁵⁰ A respeito dos debates internos da esquerda, vide WEFFORT, F. *Por que democracia?* São Paulo, Brasiliense, 1984.

*"Procuraram (...) corresponder a um novo perfil de mulher que emergia da agonia de um velho paradigma. Obedeciam a uma mensagem dupla e contraditória: Para ser respeitada, pense, aja e trabalhe como um homem; mas para ser amada, continue sendo mulher. Seja homem e mulher."*⁵¹

O feminismo da década de 70, ao se ocultar (?) nas chamadas lutas gerais, acabava questionando apenas timidamente os aspectos políticos embutidos nas relações homem/mulher. Por exemplo, a dupla jornada de trabalho feminina era abordada pelo *BM* e pelo *NM* muito mais como elemento de dominação pelo capital, do que como aspecto de uma cultura que atribui exclusivamente à mulher as responsabilidades domésticas⁵².

A sexualidade que, como já foi dito, era considerada um assunto pessoal, que dizia respeito à vida de cada um, foi uma questão crucial para o feminismo nos anos 80: o direito de ter desejo, o direito da livre opção sexual, a recuperação do saber sobre o próprio corpo⁵³, o aborto.

A própria feminista, que antes não discutia seus próprios problemas, sua própria vivência da discriminação, passa a expô-los, a tratar questões antes consideradas pessoais como questões políticas. "O pessoal é político" foi o enunciado do feminismo dessa década.

Outra observação importante a ser feita é que a década de 80 deu início a uma fase de profissionalização do feminismo. Diversas feministas foram chamadas para formar os Conselhos da Condição Feminina após a

⁵¹ OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

⁵² A esse respeito, vide MORAES, Maria Lygia Quartim. *Op. cit.*, 1981.

⁵³ Na década de 80 surgiram diversos coletivos feministas onde as mulheres aprendiam a se auto examinare e a se conhecerem. Os exemplos bem sucedidos, como o SOS-Corpo de Recife e o Coletivo Sexualidade e Saúde de São Paulo, funcionam até hoje.

vitória do PMDB nas eleições de 1982. Surgiram grupos feministas de prestação de serviços como, por exemplo, o SOS-Mulher. Além disso, alguns grupos feministas tornaram-se Organizações Não-Governamentais. Este foi o caso do *Mulherio*, após 1984, como será narrado posteriormente⁵⁴.

2.3.1. O PESSOAL É, DE FATO, POLÍTICO: A VIVÊNCIA DO LESBIANISMO E A AUTO-IMAGEM DAS FEMINISTAS DO JORNAL CHANACOMCHANA

O primeiro jornal a ser abordado neste artigo, o *Chanacomchana* (1981/1987), era o informativo do GALF-Grupo de Ação Lésbica-Feminista. Este grupo originara-se de uma dissidência da facção lésbica do grupo homossexual Somos, de São Paulo, a partir da necessidade sentida por essa facção de militar politicamente, mas independentemente tanto do movimento homossexual quanto do movimento feminista.

Por terem passado por uma experiência muito particular de discriminação, que combinava a discriminação de cunho sexista com a discriminação contra os homossexuais, o questionamento das militantes do GALF ao sistema patriarcal/homofóbico girava necessariamente em torno da sexualidade, dos padrões de feminilidade e masculinidade e da separação entre as esferas pública e privada da vida social.

Uma crítica com grande dose de mágoa era dirigida aos grupos feministas tradicionais dos anos 70 e 80 e enfatizava os preconceitos e as dificuldades destas em lidar com as diferenças de opção sexual. O artigo "Feminismo e Lesbianismo - Qual a Relação?" é exemplar neste sentido:

⁵⁴ Sobre a história do jornal *Mulherio* e sobre as ONGs, vide MONTENEGRO, Maria Tereza Torres. *Uma ONG feminista: o Mulherio*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC/SP, 1994.

"Mesmo aquelas lésbicas que se reconhecem nas lutas mais gerais do feminismo (...) acabam vendo mantida a velha esquizofrenia que a sociedade lhes impõe em vários âmbitos de sua vida. Ou seja, elas podem se identificar e mesmo trabalhar pelos direitos das mulheres, já que são mulheres, mas suas vidas pessoais, a saber, sua sexualidade, sua afetividade, etc, devem ficar no terreno do privado, numa flagrante contradição com um dos grandes slogans do feminismo que diz que o privado é político."

O mesmo artigo também explicita a necessidade de construção de um feminismo próprio das mulheres lésbicas:

"O feminismo é de quem o está construindo todos os dias e, por isso, existem tantos "feminismos" quanto mulheres feministas, ou seja, existem diferentes concepções de feminismo de acordo com as experiências de suas autoras. (...)

*Assim, as mulheres lésbicas vêm também construindo sua própria concepção de feminismo através da análise da situação da mulher em suas respectivas sociedades e do lugar que ocupam as lésbicas neste contexto."*⁵⁵

Dois pontos são centrais para a compreensão da auto-imagem das participantes do *GALF*, veiculada no discurso do *Chanacomchana*. O primeiro deles, presente em diversos artigos (inclusive no trecho já citado da entrevista com a líder da associação de donas de casa), é a necessidade de diferenciar feminista de lésbica e lésbica de feminista e de afirmar que lesbianismo não significaria necessariamente masculinização. Por exemplo, ao analisar a trajetória de uma garota lésbica com comportamento masculino criada na FEBEM, uma das militantes lamenta:

⁵⁵ "Feminismo e lesbianismo - Qual a relação?", in *Chanacomchana*, n. 12. São Paulo, fev. 1987 (grifos meus).

*"Parece que Sandra (só Sandra?), educada e acostumada com apenas dois modelos, o da mulher (...), caracterizado como passivo, submisso e sentimental e o do homem (...), caracterizado como forte, ativo, dinâmico, frio, etc., optou pelo menos 'ruim' deles."*⁵⁶

Outra questão central para as feministas do *Chanacomchana* era a definição de uma *identidade própria* enquanto grupo diferente dos demais grupos feministas. Altamente politizado, o discurso do jornal era um discurso de lésbicas e para lésbicas, assemelhando-se muito a um grupo de amigas reunidas para discutir problemas comuns a todas. Assim, no *Chanacomchana* as reflexões pessoais e a exposição das vivências de cada uma eram a regra.

*"Foi com a descoberta do feminismo, através da prática interna do grupo (...), que percebi a esquizofrenia desta separação entre o pessoal e a política, já que todos os nossos atos são políticos, cada ato executado envolve uma parte da nossa concepção e perspectiva de vida, cada ato pode conter também relações de poder."*⁵⁷

O pessoal era *mesmo* político para as militantes do GALF. Logo, reconheciam-se dentro do grupo e do jornal como *pessoas*, cada qual com sua vivência particular, especial, democraticamente compartilhada.

Estas mulheres percebiam-se como mulheres que enfrentavam os preconceitos assumindo sua sexualidade, sem medo de se exporem. Viam-se também como mulheres que tentavam driblar o autoritarismo inerente a qualquer movimento político através de ...

⁵⁶ *Chanacomchana*, n. 2. São Paulo, 1983, p. 4.

⁵⁷ *Chanacomchana*, n. 3. São Paulo, 1983 (trecho do depoimento da militante Rosely).

2. 3. 2. RESGATANDO A FEMINILIDADE PERDIDA: O FEMINISMO DO *MULHERIO*.

O jornal *Mulherio* (1981/1988) surgiu do projeto de um grupo de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas de fazer um informativo destinado a integrar as pessoas que desenvolvessem pesquisas sobre a mulher, os diferentes grupos organizados de mulheres e os órgãos da imprensa em geral. Em 1984, após o término do convênio com aquela instituição, a equipe de jornalistas tornou-se uma organização autônoma, o Núcleo de Comunicações *Mulherio*, com apoio financeiro da Fundação Ford e de outras instituições⁵⁸.

Desde o início, *Mulherio* teve como proposta abranger as diversas facções do movimento feminista, abrindo espaço para todas elas, sem abraçar uma ou outra posição; sendo, enfim, um jornal onde havia diversidade e debate de idéias. O leque de assuntos abordados era muito variado: resenhas de livros e de pesquisas, cinema, TV, cultura, notícias de encontros feministas, políticas públicas, creches, condições de trabalho, entre outros⁵⁹.

Artigos focalizando a sexualidade, o prazer, a saúde, o cuidado com o corpo ou divulgando experiências de ambulatórios feministas eram freqüentes. Menciono, a título de exemplo, um artigo intitulado "Muito prazer, periferia"⁶⁰, que narra a experiência de intercâmbio entre sexólogas, pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas e donas de casa de periferia para discutir sexualidade.

Crucial para o feminismo da década de 80 - uma vez que diversos assassinatos de mulheres por seus maridos e ex-maridos tinham vindo a público e obtido destaque na mídia -, a violência foi amplamente debatida nas páginas do *Mulherio*, abrindo precedente para outros artigos

⁵⁸ MONTENEGRO, M. T., *Op. cit.*, 1994.

⁵⁹ Após uma pesquisa com as leitoras, no ano de 1987, para identificar o público-leitor do jornal e suas preferências, a quantidade de temas mostrou-se ainda mais ampliada, passando a incluir assuntos como música, ecologia, etc. Vide MONTENEGRO, M. T., *Op. cit.*, 1994.

⁶⁰ *Mulherio*, n. 2. São Paulo, ago. 1981.

que se aprofundavam na análise deste tema. O artigo "Pequenos Grandes Assassinatos" de Carmen da Silva (que também escrevia na revista *Cláudia*) comentava as pequenas violências do cotidiano conjugal:

"Violência miúda, mas onipresente, cotidiana, teimosa, tão persistente que já criou hábito e calejou a sensibilidade social: a opinião bem-pensante não repara nela, a cultura massacra suas manifestações sob rótulos mais ou menos aceitáveis. (...)

*É praticamente impossível seguir a pista - extensa, complexa, labiríntica - da violência nossa de cada dia imposta à mulher mas, em grandes linhas, ela se inicia com os deixo-não deixo, quero-não quero, gosto-não gosto, concedo-nego, permito-proíbo, zelo-pelo-que-é-meu."*⁶¹

O resgate da feminilidade, afirmado e reafirmado em diversos artigos, foi, sem dúvida, uma questão fundamental na década de 80, uma vez que o discurso feminista da década anterior caracterizara-se pela ocultação desta faceta e pela seriedade, justificada pela necessidade de demonstrar a competência e a capacidade da mulher para o trabalho e para a militância política e de enfrentar os homens para obter a igualdade de direitos. Todos estes fatores contribuíram para consolidar no senso comum as duas principais imagens negativas sobre o feminismo: a feminista agressiva e não-feminina e a intelectual "dona da verdade", "formadora de consciências". Ambas eram rejeitadas pelas feministas do *Mulherio*, que enfatizavam a alegria, o tesão e a emoção. O primeiro editorial do jornal expressa esse desejo de desmistificar estas imagens:

"Sim, nós vamos nos assumir como o Mulherio e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus

⁶¹ SILVA, Carmen da. "Pequenos grandes assassinatos", in *Mulherio*, n. 2. São Paulo, ago. 1981, p.12.

*problemas. De uma maneira séria e conseqüente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática"*⁶².

Mostrar-se. Esta era a questão. Da mesma maneira que o *Chanacomchana*, *Mulherio* caracterizou-se pela exposição das opiniões e emoções em depoimentos, debates e artigos. Na reportagem "Inovando na forma e na força - O Tribunal Bertha Lutz", Adélia Borges narra de forma emocionada a sessão de um tribunal montado para debater com a sociedade a discriminação contra a mulher:

*"Divergências políticas entre as militantes do movimento feminista foram superadas em função de realizar algo comum, que nos une, que é a luta pela emancipação da mulher. Para fazer isso, em vez de discursos longos, chatos e monocórdios dando conta de como a mulher é vítima de injustiças, de como ela sofre, coitada, pela primeira vez se experimentou uma forma nova: um tribunal produzido como se fosse um espetáculo, fazendo aflorar a emoção. E existe algo mais feminino que a emoção? Trazer o pessoal, a emoção para o fato público: não está aí algo que nós, mulheres, podemos dar nossa contribuição particular?"*⁶³

Quando se comparavam às feministas da década anterior, ou mesmo quando revisavam suas próprias trajetórias pessoais, algumas articulistas percebiam em si mesmas uma mudança como da água para o vinho. Foi esse o caso de Verônica Guedes, da Frente Feminista 4 de Janeiro, de Fortaleza (Ceará), que redigiu um depoimento/artigo intitulado "Lutar, mas também amar e ser feliz":

⁶² *Mulherio*, n. 0. São Paulo, mar.- abr. 1981, p.1.

⁶³ BORGES, Adélia. "Inovando na forma e na força - O Tribunal Bertha Lutz", in *Mulherio*, n. 7, jul.- ago. 1982, p. 4-5.

*"Eu, como tantas outras mulheres, cheguei ao movimento feminista oriunda dos movimentos políticos mais gerais. Cheguei (...) com todas as dificuldades em reconhecer e assumir o pessoal como político. Era como se no meu armário o tempo todo tivesse à minha disposição uma linda roupa colorida com poderes de me fazer amar a vida (...) e eu preferisse optar por uma velha roupa cinzenta com uma enorme cruz pregada nas costas, em nome de uma vida, um amor e um futuro não muito próximos e com uma identidade assexuada."*⁶⁴

Levando em conta também o fato da maioria das interlocutoras potenciais ou reais do *Mulherio* (professoras, sociólogas e psicólogas, geralmente de classe média e com formação universitária⁶⁵) não serem tão diferentes das pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas e jornalistas que elaboravam o jornal, pode-se dizer que o discurso do *Mulherio* era uma conversa de igual para igual. A conjuntura social, política e cultural mais "arejada" havia liberado as intelectuais da missão de conscientizar a mulher trabalhadora.

Nas entrelinhas dos diferentes discursos (e não mais *do* discurso) presentes no *Mulherio*, o que se pode inferir como uma auto-imagem compartilhada por todas ou quase todas as feministas, jornalistas, articulistas e pesquisadoras, é a imagem de uma mulher intelectual, que quer uma sociedade mais justa, mas que não abdica de sua feminilidade e não tem medo de expressar seus sentimentos.

CONCLUSÕES

Várias imagens do feminismo foram apresentadas neste artigo. Imagens negativas construídas em grande parte pelo imaginário (e

⁶⁴ GUEDES, Verônica. "Lutar, mas também amar e ser feliz", in *Mulherio*, n. 3. São Paulo, set.- out. 1981, p. 2.

⁶⁵ Segundo a pesquisa já citada feita pela equipe do *Mulherio* junto a seu público leitor.

reiterada por certas atitudes por parte das próprias feministas...) masculino com o objetivo de descaracterizar e "carnavalizar" o movimento frente à sociedade. Auto-imagens positivas construídas pelas feministas, visando, por um lado, a obter o respeito e a adesão das mulheres a um projeto de emancipação do gênero feminino e, por outro, a desconstruir este imaginário pejorativo, dois objetivos intimamente relacionados.

Ao observar os anos 90, avaliando as imagens do feminismo que permaneceram e as que se desvaneceram com o tempo, percebo que ainda estão muito vivas no imaginário coletivo as representações negativas. O rótulo "feminista" ainda causa muito medo a mulheres e homens. O fato de uma mulher se assumir feminista traz consigo o incômodo de ouvir diversas piadas de mau gosto.

Quanto à outra imagem, a da mulher inteligente, capaz, ativa, batalhadora e arrojada, esta raramente está associada à imagem da feminista. Em termos de permanência, a imagem da mulher-quimera venceu a imagem da mulher emancipada...

O feminismo conquistou espaços nos movimentos sociais, nos estudos acadêmicos, nas ONGs, nos partidos políticos. Contribuiu também para a redefinição da masculinidade⁶⁶. Apesar de tudo isso, ainda há muito a fazer, muito o que caminhar na direção da obtenção de respeito do conjunto da sociedade em relação ao movimento. Respeito que, a meu ver, implicará na desconstrução daquele imaginário negativo.

⁶⁶ Vide artigo de Melina Marson neste volume.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

1. Fontes primárias

a) Jornais

Brasil Mulher - 1975 a 1978, Londrina, PR.

Chanacomchana - 1981 a 1987, São Paulo, SP.

Mulherio - 1981 a 1988, São Paulo, SP.

Nós Mulheres - 1976 a 1978, São Paulo, SP.

Pasquim - 1969-1987, Rio de Janeiro, RJ.

b) Revistas

Aurora - 1905, São Paulo, SP.

Careta - 1919 - 1952, São Paulo - SP.

A Cigarra - 1921-1958, São Paulo, SP.

Cláudia - 1970-1991, São Paulo, SP.

O Debate - 1917, Rio de Janeiro, RJ.

Dom Quixote- Semanário de graça -1917-1922, s.l.

Eu Sei Tudo - Magazine Mensal Ilustrado - 1929-1956, São Paulo, SP

Mais - Revista feminina mensal da Ed. Três - s.d., São Paulo, SP.

A Mensageira - 1897 a 1900, São Paulo, SP.

Nossa Terra - 1919-1920, Rio de Janeiro, RJ.

Renascença - Revista de Arte e Pensamento - 1923, São Paulo, SP.

2. FONTES SECUNDÁRIAS

ALVAREZ, Sônia., "Politizando as relações de gênero e engendrando a democracia", in: STEPAN, A. (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

BADINTER, Elizabeth. *XY de la identidad masculina*. Bogotá, Editorial Norma, 1993.

BORGES, Dulcina Tereza Bonati. "As revistas femininas e o papel da mulher nos anos 70-90", in *Caderno Espaço Feminino* n. 1, vol. 1, jan.-jun. 1995.

CASTELLANOS, Gabriela. "Cr sis de identidad en la teoria feminista", in *Les pommes de la discordia - Revista do coletivo feminista La Manzana*, Cali, Col mbia, n. 9, 1994.

COSTA, Albertina de Oliveira. "   viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação, São Paulo, 1970", in *Cadernos de Pesquisa*, n. 66. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, ago. 1988, p. 63-69.

DOSSIER: "Feminismo: entre la igualdad y la diferencia", in *El Viejo Topo*, n. 73, Barcelona, mar. 1994.

GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação de Mestrado, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1987.

HAHNER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas - 1850-1937*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

MONTENEGRO, Maria Tereza Torres. *Uma ONG feminista: o Mulherio*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC/SP, São Paulo, 1994.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Família e feminismo: reflexão sobre os papéis femininos na imprensa para mulheres*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 1981.

MORENO, Raquel. "Movimiento de mujeres hoy en Brasil", Artigo para o Coletivo Feminista - Ecologista Verde Lilás, s.l., s.d.

RAGO, Margareth. *Do cabar  ao lar; A utopia da cidade disciplinar*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

_____. *Os prazeres da noite; Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual*; Sexo e cultura no fin-de-siècle, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

SIMMEL, G., "Cultura feminina", in *Filosofia do amor*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Uma breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1993.